

28
APPLAUSO
METRICO,

QUE NA REELEIÇÃO

DA MAGNIFICA SENHORA

D. MARGARIDA BAUTISTA,

NO CARGO, E DIGNIDADE

DE

ABBADESSA

DO REAL CONVENTO

de Santa Clara de Lisboa Oriental,

Dedica, vota, e consagra

A. J. M. S.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impressor da Academia Real.

M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

APPLAUSO
METERIO

QUE NA REELIÇÃO

DA MANTENÇA SENHORA

DA MANTENÇA SENHORA

NO CARGO, E DICIDADA

DE

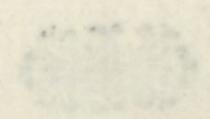
ARRADISSA

DO REAL CONVENTO

de Santa Clara de Lisboa Oriental,

Dedica, colta, e consagra

A. J. M. S.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de Typographia de S. Paulo & Cia

de S. Paulo, em 1845

com todos os direitos reservados

MAGNIFICA SENHORA.

Estes applausos, e estes cultos, que dedica a V. Senhoria a sincera vontade de hum animo obrigado, ainda que diminutos à estima-
ção

ção de tão alto assumpto, se podem fazer grandes no mesmo patrocínio, e na mesma benevolencia, a que são dedicados: se tiverem a honra, de que V. Senhoria os aceite, e os qualifique, serão reverentes, discretos, e bem nascidos; porque só do seu grande talento adoptados, poderão conseguir no Mundo o nome de benemeritos. Guarde Deos a V. Senhoria muitos annos, como todos os seus criados hão de mister.

Beija a mão de V. Senhoria

Seu fiel, e obrigadissimo servidor

A. J. M. S.

SYLVIA.

RARO o Fenix , de Apollo os resplandores
 Que do incendio fragrante nos ardores ,
 Que de neve na tumba crystallina
 Com chamma bella , e gloria matutina
 Renascem de si mesmos victoriosos
 Ou nos Egypcios paramos ditosos ,
 Ou nos celestes campos dilatados
 Para serem , com pasmos duplicados ,
 Triunfo eterno em toda a immensidade
 Da noite triste , da crescida idade ,
 E com novos , e lucidos ensayos
 Batendo as plumas , despedindo os rayos
 Saõ dos annos no circulo suaves
 Luminarias do Ceo , pompa das aves.

O Oceano , que em fluxo repetido
 Do crystal espumante entumecido
 Depois que se retira , em tempo breve
 Renasce em montes , que fabrica a neve ,
 Por ficar entre as ondas , que defata ,
 Olympo de crystal , Tyfeo de prata.

A Aurora , que a manhã bella , e serena
 Refuscita , a fragante copia amena
 Se acaba entre a clara luz do dia ,
 Torna a nascer no fim da noite fria.

A Estrella , que guiou clara , e brilhante
 Na espuma vaga incauto o navegante ,
 Se de dia encobrio a luz fermosa
 No mesmo horror das sombras luminosa ,
 Sem nos rayos sentir menor quebranto
 Torna a bordar de luz o negro manto.

Assim vós , ò clarissima Prelada ,
 Que no presente seculo adorada ,
 Em rayos de virtude esclarecida ,
 Em candidos costumes applaudida ,
 Tornaes hoje das Subditas aceita ,
 Nas vossas prendas novamente eleita ,
 Renascida , triunfante , e victoriosa ,
 A ser na Religiaõ , sempre gloriosa ,
 Que em querervos , e amarvos se disvella ,
 Fenix , Sol , Oceano , Aurora , Estrella.

Vós sois essa Heroyna ,
 Cujó nome na esfera crystallina ,
 Por donde a Fama com alentos voa ,
 Consegue eterna , e immortal coroa.

Vós sois essa Deidade ,
 Que no Olympo esplendor da castidade ,
 E de Francisco em todas as Clausuras
 Ensinaste as Estrellas a ser puras ,
 Que discreta , que illustre , e que suave
 Sendo sempre benigna , e sempre grave ,
 Sem mais impulso , que o do vosso exemplo ,
 O que era Claustro converteis em Templo.

A belleza , que em todo o tempo altiva

Era das almas nobres chamma viva ,
 Repartida entre affombros , e primores ,
 Quantas faõ do Convento as tenras flores ,
 Busca rendida , applaude diligente
 Das prendas ao prototypo excellente ,
 E a huma Prelada , que renasce eleita ,
 Alvedrios , e affectos lhe fogeita :
 Só vós fizeste com melhor ventura
 De triunfante obediente a fermosura .

Todo o brilhante fogo refulgente ,
 Que nos fermosos olhos rayo ardente
 Era estrago querido da vontade ,
 No incendio se trocou da Caridade ,
 Pois de hum governo santo nos auspicios
 Mudaõ de qualidade os sacrificios ,
 E o que atégora foy profano incenso ,
 Trocando o culto livre pelo immenso ,
 Estragados os idolos profanos ,
 Prizaõ suave dos primeiros annos ,
 Introduzem , pasmando a natureza ,
 Todos os dotes da alma na belleza .

Cada Subdita agora
 De taõ grande Prelada imitadora ,
 Tem dos mesmos applausos na ventagem ,
 Mais nobre culto , porque he vossa imagem .

Mas que será , se em tudo generosa
 Filha , neta , e irmãa sempre ditosa
 Sois desses Varões claros
 Na espada heroicos , e nas letras raros ,

Que

Que de Bragança aos Principes invictos
 Nos acertos, nas glorias, nos conflictos
 Conseguem como Heroes em toda a parte
 Assombro de Minerva, horror de Marte,
 Que de Lusitania tenha o regio Solio,
 Justo o Areopago, digno o Capitolio;
 E sendo valerosos, ou facundos
 Lograriaõ, se houvesse novos Mundos,
 Que do Lyfio diadema esmalte o ouro
 A oliveira na paz, na guerra o louro.

Deichemos os que antigos, e admirados,
 Em marmores, e em bronzes retratados,
 Enchendo a terra, e superando os mares,
 Saõ idolos da Fama nos altares,
 De quem as Cortes, e ainda os montes Safios,
 Cantaõ como Elogio os Epitafios.

Diga a Musa daquelles, que Irmãos vossos
 Digno assumpto feraõ de applausos nossos,
 Esse Heroe primogenito, e primeiro,
 Que valeroso, placido, e guerreiro,
 Ainda na pastoril frauta sylvestre,
 De campo, e de valor em tudo mestre,
 E da Corte nas vozes celebrado,
 Deixa aos da Fama o numero augmentado;
 Que de Anglia effes doze singulares,
 E da Mesa redonda aos doze Pares,
 Inda naõ tendo a gloria de vencidos,
 Sejaõ de acções illustres excedidos,
 Cuja triunfante, luminosa espada,

Nos fastos da memoria, consagrada,
 Na sua folha deixou com sangue escrito,
 Que foy de Portugal o Imperio invicto;
 Cujos nome será pasmoso em tudo
 Bastão de Marte, de Bellona escudo,

Outro segundo só no nascimento,
 Que he claro Sol da esfera do talento,
 Que em raro acerto, que em governo santo
 Justifica o incorrupto Rhadamantho,
 Collocando co' estrago da cobiça,
 No Templo da Memoria o da Justiça,
 E a espada desta de tal mão vibrada,
 Terrível ainda menos do que amada,
 Quando do golpe seu o arbitrio pende,
 Nunca fere cruel, sabida defende:
 Diga o Reyno Luso illustre, e antigo,
 Que acha até suavidade no castigo,
 Pois do seu coração mostra a equidade
 Que ainda nelle a justiça foy piedade.

Do braço liberal o impulso nobre,
 Sem offensa do rico defende ao pobre,
 Tendo naquelle peito esclarecido,
 Justiça o grande, amparo o desvalido:
 Não só Musas severas, mas amenas,
 Pasma a Corintho, perfeição a Athenas,
 Nos seus despachos tem, formando cultos
 Coro de Apollo as vozes dos Consultos:
 Até de letra a rasgos primorosos
 Deixa os escritos doutos mais pasmosos,

Vendo os Collegas que se explica entre elles,
 A voz de Paulo no pincel de Apelles;
 Rego, Rio, Danubio, ou Oceano,
 De letras, e virtudes mais que humano,
 Tendo nelle a real felicidade,
 Columna ao Throno, estatua à eternidade:

Dentro o terceiro, honra de hum Real Collegio,
 Hoje Censor do patrimonio Regio,
 Mestre elegante, e Orador facundo,
 Pasmo feliz aos ambitos do Mundo,
 Que na Jurisprudencia, proza, e verso
 A Universidade illustra no Universo.

As vozes raras dos conceitos finos,
 Vencem os Gregos, triunfão dos Latinos,
 Tanto que em admirar parece nescia,
 Cicero a Italia, Demosthenes a Grecia,
 Fazendo que a Oratoria
 Seja sempre dos pulpitos na gloria
 Com celestes doutrinas adornada,
 Não sómente elegante, mas sagrada.
 Mais dissera, Senhora: porém temo
 Buscar limite, descobrir extremo
 No immenso, no grande, no infinito,
 E que o applauso possa ser delicto.

Vivey pois, e vivaõ felizmente
 Esses Varões com nome preeminente,
 Do tempo conseguindo no thesouro
 Os annos de Nestor, e a idade de ouro.

C. J. S. S.

ROMAN.

ROMANCE.

P Arabens, Prelada illustre,
 Entre affectos vos dedico,
 Se póde caber no applauso
 Quem não cabe nos prodigios.

Deste Convento galhardo,
 Sois o Sol, que repartindo
 Os rayos, daes às estrellas,
 Da luz ardente os auspicios.

Sois a Aurora, que chovendo
 Os favores matutinos,
 Fazeis brilhantes as flores
 Neste Jardim de Francisco.

Ceo agora este Convento
 Conhece nelle o sentido,
 Que he de bellezas esféra,
 Sendo de luzes Emyrio.

Voluntaria a fermosura
 Vos obedece, advertindo
 Tendes nas almas imperio,
 Tendo nos Astros dominio.

Reeleita no governo
 A tudo estaes presidindo;
 Não podiaõ ser tres annos,
 Porque he eterno o divino.

Mais do que eleita, adorada
 Vos confidero no arbitrio,
 Que a eleição sempre foy culto
 Quando o voto he sacrificio.

He das Subditas a dita,
 Porque com gosto infinito,
 O que em Vós he dignidade,
 Faz nos outros beneficio.

Até a forte se contenta,
 Porque ficou adquirindo
 Na fortuna do successo
 Ser razão todo o destino.

Só se esperaõ novas glorias
 Desse talento excessivo,
 Porque os cargos faõ triumpho,
 Quando o governo he juizo.

Duray pois eternamente,
 Fique o voffo nome vivo,
 Ou nas columnas de Efeso,
 Ou nos marmores de Egypto.

Sem a maçãa fique Venus
 E sem as flechas Cupido,
 Pois sendo a belleza fanta,
 O feu ouro he menos fino.

No concurso das bellezas,
 Mostre esse genio entendido
 Que houve virtudes em Pafos,
 Que póde ser casto Egnido.

(9)

Venha o seculo dourado,
E hum governo peregrino,
Pare o Sol no tempo de hoje,
Se o parou no tempo antigo.

E estes métricos applausos,
Quando cheguem ao vosso ouvido,
Menos que vozes do applauso
São das glorias vaticinio.

C. J. S. S.

SONETO

SONETO.

C onseguiſtes , Senhora , felizmente
 Das vontades taõ firme ſegurança ,
 Que triumpho melhor foy a eſperança .
 Já no infallivel da eleição preſente .

Foy gloria da razaõ ſempre excellente
 Na iſençaõ do perigo da mudança ;
 Que he ventura mayor a que ſe alcança
 Da incerteza do tempo independente .

Na primeira eleição já os projectos
 Conſeguirãõ ditos na certeza
 Serem finos , conſtantes , e discretos ;

Mas agora do empenho he mais fineza ,
 Que a primeira foy impulso dos affectos ,
 Porém eſta he exceſſo da firmeza .

L. B. C. S.

SOMETO.

Oitavas, Sertão, salvação
 Das vontades tão livres levadas,
 Que trunfo melhor foi a esperança
 Já no nível da eleição presente.

Foi glória de transbordante excelência
 Já lançado ao parvo da mudança;
 Que se vem a maior a que se alcança
 Da invicta do tempo independente.

Na primeira eleição se esboçaram
 Contornos de uma nova ordem;
 Sem nos, comentes, e desfeitos;

Mas agora do capitulo se mais fizesse;
 Que a primeira vez apulso dos efeitos,
 Porém esta se exerce da primeira.

SONETO.

N Aõ he nova eleiçaõ esta, que agora
A Corte illustra, aos orbes illumina,
Se do affecto, que as almas predomina,
Ainda antes de Prelada ereis senhora.

He prodigio, que em vós o mundo adora,
Pois do fim renasceis Prelada digna,
Porque ainda na esfera cristallina
O Sol acaba, finaliza a Aurora.

Superfluo o voto em tantas unidades
Ainda rende ditoso beneficio,
Mostrando que as finezas saõ verdades:

Que he dos cultos fieis nobre exercicio
Ratificar o excessõ das vontades,
Por ter mais que render hum sacrificio.

L. B. C. S.

DE-

DECIMAS.

E Ntre floridos primores,
Com ventagem gloriosa
Em qualquer jardim a rosa
He só quem preside ás flores:
Mas roubandolhe os louvores,
Outra flor mais se acredita,
Pois com ventagem infinita
Nessa agradavel esfera,
Sobre as flores só impera,
Naõ a rosa, a Margarita.

2.

Competem ambas ditosas
Com disculpaveis ardores,
Huma Abbadessa das flores,
Outra Prelada das Rosas;
Porém com razoens forçosas
A Margarita he mais digna;
Pois para assombro se inclina,
Sendo affavel, sendo terna,
Naõ, quem as flores governa,
Sim, quem as Rosas domina.

Com

Com razaõ reconduzida
 He no florido Emisferio ;
 Tenha mais annos de imperio ,
 Pois tem mais annos de vida :
 Toda a vontade rendida
 Se pertende eternizar ;
 E se ha sempre de reinar
 Nos coraçoens por estrella ,
 Domine , se o mesmo he nella
 O viver , que o dominar.

Para os tres annos , que vem ,
 No congresso lindo , e serio
 Naõ se lhe dá novo imperio ,
 Só se declara , o que tem :
 Os votos de nenhum bem
 Serviráõ nesta eleição ;
 Foy ociosa essa acção ,
 Quando os peitos no amor fervem ,
 Pois os votos de que fervem ,
 Onde as vontades estaõ ?

Viva;

Viva , impere eternamente
 Nos coraçoens singulares ,
 Já que tem nos seus altares
 O culto mais reverente :
 Se prezos taó docemente
 Vivem por inclinação ,
 Dure a amorosa prizaõ
 Com fortuna da vontade ,
 Pois he pena a liberdade ,
 Onde he gloria a fugeiçaõ.

M. C. B. L.

ROMANCE.

S Agrada excelsa deidade
Deste venerado Templo,
Onde os cultos , onde os votos
Continuaõ desempenhos.
Hoje a vossos pés prostrados
Queimaõ os mais castos peitos
Nos thuribulos das almas
Os incensos dos affectos.
Dos jubilos animados
Se abrazaõ , Senhora , vendo
Que a perennes attributos
Respondem perennes sceptros.
Perenne gloria , e naõ pára,
Se admira que a documentos
Naõ mendiga substituto
Voz , que naõ franquea exemplo.
Nunca vacilante pulso
Sempre firme, sempre inteiro,
Que naõ cessa no dominio
Sangue , que circula regio.
E se do mistico corpo
Sois o sangue , sois o alento,
Se naõ circulára o sangue
O corpo ficára enfermo.

Oh

Oh sacro discreto acordo

Das acclamaçoens, pois vemos
Poupada a dor da saudade,
Negada a voz do desejo.

Em vós se termina o voto,
Em vós o culto antevendo;
Que não desmaya o sagrado,
Que não acaba o perfeito.

E desmentira de Vesta
Deidade, que em seus alentos
Não mostrára inextinguivel
O fogo do magisterio.

Nem por Sol se venerára
Do claustro o melhor luzeiro,
Que de seu claro dominio
Pára o nobre luzimento.

Ao mar o rio caminha
Do dominio; e foy acerto,
Que do pelago sahindo,
Buscasse o pelago mesmo.

Continuais no dominio,
Porque os votos, e os affectos
Bem costumados aos cultos
Continuem nos obsequios.

Estão bem comvosco as glorias,
E quando fizessem termo,
Nem fora a clausura Empyrio,
Nem fora o dominio imperio.

Man-

Mandar para suspenderse
O dominante progresso
Fora encubrir o divino
Na mascara de terreno.
Discreto foy logo o voto,
Fazendo o dominio eterno ,
Que quem se eterniza em prendas,
Immortaliza os empregos.

J. S. C.



Mandar para suspendido
de Q. donio uno p...
Fortificadas o d...
Na m... de terno...
Dilecto... o...
Fazenda...
Que... se...
Im...
...
...
...
...
...



Com...
Prop...
...
...
...
...
...
...
...

DISCORSO

TEOLOGICO JURIDICO

IN OCCASIONE

DELLA S. MESSA

DELLA PASQUA

DELL'ANNO

1784

IN VENEZIA

PER GIO. BATTISTA

FRANCESCO

FRANCESCO

FRANCESCO

FRANCESCO

FRANCESCO

FRANCESCO

FRANCESCO

FRANCESCO

FRANCESCO

DISCURSOS

THEOLOGICO-JURIDICO

I

ANONYMO

SOBRE A PROPOSTA QUE SE FEZ

para caber conhecimento da verdade

de, ou falsidade

DO CAPITULO PROVINCIAL

DE

PADRES TRINOS

DA PROVINCIA DE PORTUGAL

Que se celebrou neste Real Convento

de Lisboa Occidental em 7 de

Maio deste anno de 1732

VENEZA: MDCCLXXXV

Na Officina de Balthazar

Com todas as licenças necessárias